UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO

JORNALISMO

Marissa Mendonça de Sousa

# QUANDO O JORNALISMO FALA DO PRESÍDIO: A INTERSECÇÃO DE DISPOSITIVOS DISCIPLINARES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO A PARTIR DA ÓTICA DE FOUCAULT

RIBEIRÃO PRETO

2022

Marissa Mendonça de Sousa

# QUANDO O JORNALISMO FALA DO PRESÍDIO: A INTERSECÇÃO DE DISPOSITIVOS DISCIPLINARES NO BRASIL CONTEMPORÂNEO A PARTIR DA ÓTICA DE FOUCAULT

Projeto de monografia entregue à Universidade de Ribeirão Preto – Unaerp, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. João Flávio de Almeida

RIBEIRÃO PRETO

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de Processamento
Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

SOUSA, Marissa Mendonça de, 2001-

S725q Quando o jornalismo fala só presídio: a intersecção de dispositivos disciplinares no Brasil contemporâneo a partir da ótica de Foucault / Marissa Mendonça de Sousa. – Ribeirão Preto, 2023.

46 f. : il. color.

Orientador: Prof.º Dr.º João Flávio Almeida.

Quando o jornalismo fala do presídio: a intersecção de dispositivos disciplinares no Brasil Contemporâneo a partir da ótica de Foucault

Trabalho de Curso apresentado à Universidade de Ribeirão Preto para aprovação no Curso de Graduação em Jornalismo (área de concentração: Jornalismo de Guerra).

Local e data da apresentação: Ribeirão Preto, 8 de fevereiro de 2023

Resultado:

Banca Examinadora:

**Orientador:** _____

Nome: Prof. João Flávio Almeida

Instituição: Universidade de Ribeirão Preto

**Examinador 1:**_____

Nome: Sandra Molina

Instituição: Universidade de Ribeirão Preto

**Examinador 2:** _____

Nome: Thainan Honorato

Instituição: Mestrando - UNESP Bauru

## DEDICATÓRIA

Ao longo desses quatro anos e principalmente na reta final da graduação, coisas simples se tornaram ainda mais indispensáveis. Dentre isso, dedico esse trabalho aos meus pais, Rosângela e José Roberto, que desde os meus oito anos de idade – quando citei pela primeira vez minha vontade de ser jornalista – não só apoiaram e acreditaram na minha escolha, como a tornaram possível e estiveram ao meu lado a cada segundo. Sem eles nada disso seria possível.

Aproveito para agradecer meus colegas de sala, que desde o início se fizeram presente ao compartilhar alegrias, frustrações e experiências. Em especial aqueles que a cada dia se tornaram mais próximos e que mesmo após a conclusão do curso, serão sempre lembrados e levados para a vida com muito carinho.

Não posso encerrar essa dedicatória sem compensar meu professor e orientador João Flávio de Almeida que desde a escolha do tema me abraçou e mostrou diferentes caminhos de construirmos um trabalho com maestria. Agradeço também a todos os professores e funcionários envolvidos, de maneira direta ou indiretamente, nessa caminhada de muitos desafios. Todos aqui citados tiveram sua parcela de responsabilidade ao que me tornei hoje, obrigada!

**RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo discutir a relação entre o dispositivo midiático (jornalismo) e o dispositivo prisional segundo a ótica de Michel Foucault (2007; 2008). Partimos da hipótese de que o acoplamento destes dispositivos de poder põe em funcionamento uma rede de poderes disciplinares que exercem uma dupla função social: por um lado, estabelece um regime próprio de dizibilidade e visibilidade sobre o indivíduo em situação de reclusão, que ocorre quando o jornalismo diz e mostra o preso "pelo lado de fora", sem que lhe seja dada ocasião de dizer de si e de se mostrar tal como se vê; por outro lado, estabelece sobre a sociedade em geral um imaginário de horror e aversão ao presídio e ao presidiário, exercendo um poder disciplinar complexo, baseado em uma intimidação do cidadão "ainda não-preso", que resulta em uma hostilização ao detento e ao ex-detento. Para testar tal hipótese foi analisado de forma crítica, imagens televisivas que permitem criar ao espectador o sentimento de medo, preconceito e aversão em relação ao presídio e ao presidiário, através de rebeliões e péssimas condições de vida interna. Assim como, encontradas marcas de imagens, colocações, repetições, trilhas e enquadramentos que, por parte da mídia, sustente a ideia de que o sistema carcerário, junto ao jornalismo, trabalha produzindo certo temor com uma função traçada: disciplina e poder. Para que a sociedade "ande sempre na linha", sigam as leis a fim de evitar o presídio como consequência dos atos contrários ao que imposto como correto.

**Palavras-chave:** Foucault; Dispositivo Midiático; Dispositivo Prisional; Sociedade Disciplinar.

**ABSTRACT**

The present work aimed to discuss the relationship between the media device (jomalism) and the prison device according to the perspective of Michel Foucault. (2007;2008). We start from the hypothesis that the coupling of these power devices puts into operation a network of disciplinary powers that exercise a dual social function: on the one hand, it establishes its own regime of dizibility and visibility over the individual in a situation of seclusion, which occurs when journalism says shows the prisoner "on the outside", without being given the case of saying about himself and showing himself as it In an intimidation of the "not yet-prisoned" citizen, which results in a hostilization of the detainee and the former detainee. To test this hypothesis, television images were critically analyzed that allow the viewer to create a feeling of fear, prejudice and aversion to the prison and the prisoner, through rebellions and terrible conditions of internal life. As well as, found marks of images, placements, repetitions, tracks and frames that, on the part of the media, support the idea that the prison system, together with journalism, works producing right we have with a traced function: discipline and power. So that society "always go in line", follow the laws in order to avoid presidium as a consequence of acts contrary to what is imposed as correct.

**Keywords:** Prison. Speech image. Discipline

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO..... 8**

**1 REFERENCIAL TEÓRICO: FOUCAULT, O JORNALISMO E O PRESÍDIO..... 10**

**1. 1 DISPOSITIVOS PRISIONAL E MIDIÁTICO..... 21**

**2 METODOLOGIA: DELIMITAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE..... 24**

**3 ANÁLISE DISCURSIVA: QUANDO O JORNALISMO NARRA E MOSTRA O PRESÍDIO..... 28**

3.1 MATÉRIA JORNALÍSTICA 1..... 28

3.2 MATÉRIA JORNALÍSTICA 2..... 33

3.3 MATÉRIA JORNALÍSTICA 3..... 37

**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 42**

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa, intitulada “Quando o jornalismo fala do presídio: a intersecção de dispositivos disciplinares no Brasil contemporâneo a partir da ótica de Foucault”, fundamentada na Análise do Discurso de linha francesa, mais especificamente em Michel Foucault (2007; 2008), tem como objetivo principal discutir a relação jornalismo/sentidos/presídio. A intenção é analisar criticamente certos dizeres que o jornalismo produz a respeito do presídio, e quais seus efeitos discursivos. Sendo assim, a pesquisa procura entender como o jornalismo participa da construção de um imaginário discursivo a respeito do presídio e do presidiário que causam efeitos sociais tanto na vida da pessoa em situação de reclusão - com todas as condições existentes ali -, quanto na vida social daqueles que veem o presídio de fora, mostrado e narrado pelo jornalismo.

Nesta investigação científica nos ancoraremos em conceitos fundamentados no campo do jornalismo (FOUCAULT, 2018), bem como nos pressupostos teóricos fornecidos pela Análise do Discurso francesa, mais especificamente nos conceitos de Discurso, Formação Discursiva, Dispositivos Sociais, Sociedade Disciplinar e Biopoder (FOUCAULT, 2018), tendo em vista sempre que os enunciados nunca são neutros, mas sempre implicados com jogos de poder.

A partir do modo de pensar proposto por Foucault, partimos da hipótese de que nem sempre os sentidos de “presídio” foram tal como são delineados em nossos tempos. Por intermédio do método conhecido como Arqueologia dos Saberes, o filósofo francês convida a “escavar” a história de um sentido, de uma instituição, de um dispositivo de saber etc. No livro Vigiar e Punir (FOUCAULT, 1987), o autor já fez esta arqueologia do presídio, de suas funções sociais, de seus efeitos discursivos e de suas formas de manutenção do poder. Nesta monografia propõe-se fazer uma arqueologia não apenas do presídio, nem tampouco do jornalismo, mas do imbricamento destes dois dispositivos de poder. Todavia, ao invés de buscarmos contar a história desta sinergia de dispositivos, propõe-se, aqui,

fazer um recorte temporal e “escavar” as camadas de imagens e dizeres que narram o presídio e o presidiário pelo lado de fora.

Como o presídio e o presidiário são ditos e mostrados pelo jornalismo? Quais os efeitos discursivos desta sinergia de dispositivos de poder (presídio e jornalismo)? Estas são as perguntas norteadoras desta pesquisa. Por intermédio da Arqueologia dos Saberes, método proposto na primeira fase de Foucault, busca se desvelar evidências que estão escondidas, neste caso, as marcas discursivas que não ficam patentes. Para isso, foi estabelecido o *corpus* de análise de quatro matérias/notícias jornalísticas narradas por diferentes veículos televisivos, o que possibilitou identificar as marcas discursivas que o jornalismo deixa a respeito do discurso sobre o presídio. Subsequentemente, decorreu a análise dos efeitos deste imaginário – medo, disciplina e docilidade – na sociedade brasileira. Com Foucault, partimos do pressuposto de que a língua nunca é neutra, logo, toda vez que o jornalismo noticia/narra qualquer coisa a respeito do universo dos presídios ou dos presidiários, ele já está trabalhando um imaginário discursivo, alimentando o discurso dominante de acordo com os acontecimentos narrados anteriormente.

Ao participar desse dispositivo social, o jornalismo cumpre um papel na dinâmica do poder, a saber, o de produzir o medo e a disciplina que docilizam corpos para torná-los úteis, um movimento que, na forma, se assemelha muito ao gesto de controlar a população à distância como nos períodos de suplício público. A intenção é estudar Foucault e seus conceitos fundamentais, preocupado em promover uma mudança que se contraponha à dominação e à opressão pelo poder dominante, fomentando o que ele se refere como ‘a tarefa da liberdade’.

> O que significa exercer poder? Não significa pegar este gravador e jogá-lo no chão. Eu tenho a capacidade de fazê-lo [..], [m]as eu não estaria exercendo poder se o fizesse. No entanto, se eu pegar este gravador e jogá-lo no chão - a fim de irritá-lo ou de modo que você não possa repetir o que eu disse, ou para pressioná-lo, de modo que você se comporte de determinada maneira, ou para intimidá-lo -, bem, o que eu fiz, ao moldar o seu comportamento através de certos meios, isso é poder [...]. [...] quer dizer, eu não o estou forçando absolutamente, e o estou deixando completamente livre - é quando

> começo a exercer poder. Está claro que o poder não deve ser definido como um ato coercitivo de violência que reprime os indivíduos, obrigando-os a fazerem alguma coisa ou impedindo-os de fazerem alguma outra coisa. Mas ocorre quando haja uma relação entre dois sujeitos livres, e esta relação esteja desequilibrada, de modo que um pode agir sobre o outro, e o outro sofrer a ação, ou se permitir sofrer a ação (FOUCAULT, 2018, p.14).

Logo, o objetivo geral é o de descrever as práticas jornalísticas a respeito da temática do presídio e dos presidiários, dentre os veículos a serem analisados, a fim de identificar as marcas discursivas que o jornalismo deixa à respeito de seu discurso, analisar os efeitos deste imaginário – medo, disciplina, consequência – em parcela da sociedade, além de analisar alguns desses efeitos sobre o próprio presidiário.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO: FOUCAULT, O JORNALISMO E O PRESÍDIO

Dado o presídio como objeto principal do estudo relacionado ao jornalismo, prontamente sobrechega a metáfora de Panóptico, justificada por um modelo de prisão proposto em sua forma original em 1785, pelo filósofo e jurista Jeremy Bentham e, logo após, como um conceito aprimorado por Michel Foucault. O Panóptico apresenta o exemplo de uma prisão circular com uma torre localizada ao centro que possibilita um panorama geral de controle de todas as celas, sem que delas se possa observar os vigilantes. A partir desse padrão, surgem os modelos de Dizibilidade e Visibilidade, conceituados por Foucault, que consiste em um regime de poder calcado em formas de mostrar e ocultar, dizer e silenciar. Ao preso é impossível dizer e mostrar tanto a própria vida quanto a identidade de seus observadores: no panóptico, o observador tudo vê, sem ser visto; é impossibilitado tanto de ver seu observador quanto de ocultar sua vida. Por outro lado, ao observador é dado ver, dizer e mostrar o presidiário produzindo um discurso final que é desconhecido do próprio presidiário: a rigor, não é apresentado ao presidiário o que se mostra e fala dele.

O panóptico, em Foucault, funciona como um modelo que se espraia por diversas outras instituições de poder. Podemos citar os algoritmos das redes sociais, ou a tradicional sala de aula, como relevantes exemplos de Panóptico, cada um com sua propensão de observar sem ser observado. Com os algoritmos, ferramenta responsável por classificar os conteúdos em redes sociais conforme as buscas de interesse e criar recomendações personalizadas, não somos capazes de observar a sequência de comandos responsáveis por entregar cada vez mais conteúdos similares e de interesse em massa, ao mesmo tempo em que eles se mantêm atentos aos nossos acessos, assuntos, cliques e tempo de permanência. Já com a sala de aula convencional das escolas, o professor é quem vê tudo sem que todos os alunos tenham a mesma visão ampla. É possível, ainda, citar o popularizado reality show, nomeado como Big Brother, como grande modelo dessa metáfora, neste caso, o “grande irmão”, como é traduzido, está sempre de olho nos participantes que não possuem a mesma vantagem.

**FIGURA 1:** Exemplificação de um Panóptico

**Fonte:** Papo de Homem (https://papodehomem.com.br/modelo-panoptico-como-vigiar-com-esforco-minimo/)

Este regime de dizibilidade e visibilidade, em âmbito macrossocial, só é possível por ocasião do encontro entre o dispositivo social presídio e o dispositivo social jornalismo. O jornalista, assim como os cientistas sociais e juristas, é capaz de ver e falar a respeito dos carcerários sem que haja a mesma chance de forma contrária. Acontece como se aquele interno falasse em outra língua, ou, até mesmo, que ele esteja dentro de um cubo que impossibilite a emissão de sons vindos de lá – porque mesmo quando há oportunidade de fala, não é como a liberdade. A não ser que a movimentação deste preso venha através de rebeliões e respostas agressivas. É a partir dessa ideia que assumimos a hipótese de que o jornalismo mostra predominantemente o presídio em momentos de extrema violência - como durante rebeliões -, em situação de miséria e de desumanização carcerária. Essa forma de mostrar o presídio produz um imaginário discursivo, ou melhor, uma antecipação semântica (PÊCHEUX, 2008), que preenche e envolve os dizeres sociais sobre este local com sentidos pejorativos que produzem dois tipos de temores sociais: o medo do próprio preso e o medo de se tornar um (FOUCAULT, 2008).

Dessa forma, o presídio e o imaginário dele decorrente substituem o antigo suplício, que até o final do século XVIII tinha como finalidade punir agressivamente, através de execuções públicas, na intenção de assegurar a ordem social e política ao desencorajar os atos criminosos, ou seja, tinha o papel de disciplinar a sociedade. “O suplício é uma técnica e não deve ser equiparado aos extremos de uma raiva sem lei” (FOUCAULT, 1987, p. 18). Essa era umas das principais maneiras pela qual o poder era aplicado sobre a massa de cidadãos, sendo classificado como a arte de causar uma dor indescritível, de acordo com a gravidade do erro praticado. Era necessário que o acontecimento fosse mostrado ao máximo possível de pessoas, pois deveria ser também memorável – caso o suplicante sobrevivesse, deveria ficar sem membros e com marcas profundas. Essa prática funcionava como máscara, pela qual grande parte do funcionamento do poder era obscurecida, tornando aceitável muitos dos verdadeiros mecanismos dele (FOUCAULT, 2018).

O suplício, portanto, era uma tecnologia, um dispositivo de poder que suscitava discursos de temor e ordem. Nesta monografia discute-se, portanto, a imbricação entre o dispositivo de poder Prisão e o dispositivo Jornalismo, uma sinestesia capaz de suscitar um discurso de medo e ordem em larga escala social. Por outro lado, entende-se a própria língua como um dispositivo de poder, isto é, como um dispositivo que instaura um campo de possibilidades dizíveis em uma determinada conjuntura sócio-histórica. A língua é o lugar privilegiado onde ocorre a subjetividade – o 'eu' – aquilo que Foucault define como gesto de saber e definir a si mesmo de forma social. Ao se dizer dentro das possibilidades de uma língua, o sujeito é instaurado dentro de um campo de dizibilidades possíveis, regulado socialmente pelas instituições sociais de poder. Ao acolher uma definição externa de si, ou seja, ao compreender-se a si mesmo a partir de dispositivos sociais fornecidos socialmente, o sujeito submete-se (assujeita-se) sem que nenhuma arma seja apontada para ele. Ao dizer "sou um professor, homem, casado, brasileiro etc.", o sujeito é colocado em posição de submissão a um poder dominante. Os mecanismos de submissão do sujeito foram, no decorrer da história, distintos e plurais. Os dispositivos de poder eram mais do que tecnologias de violência, eram dispositivos de construção e instauração de um sujeito em cada indivíduo.

Durante toda a história existiram várias formas de poder e construção do sujeito. Segundo Foucault, a modernidade teve início com o modelo de Poder Soberano, que exercia o poder somente à base armada, de forma que não existisse nenhum outro superior a ele. No poder soberano, a origem da palavra era deixada de lado, tornada absoluta. Dito de outro modo, o conceito de Soberania é habitualmente atribuído ao Estado como a única entidade capaz de criar leis, de mantê-las em vigência, e de fornecer aos indivíduos suas identidades, ou seja, o sujeito. O Rei era o detentor da soberania, ele era o único apto a construir ordem sobre a qual uma sociedade se ergueria, dessa forma, o poder de governar era apenas consequência do uso potencial da força. Foucault por um lado, busca "as regras de direito que delimitam formalmente o poder" e, por outro, na

extremidade oposta, “os efeitos de verdade que esse poder produz, que esse poder conduz e que, por sua vez, reconduzem esse poder” (FOUCAULT, 1999, p. 28).

**FIGURA 2:** Ilustração da pirâmide do poder soberano

**Fonte:** Politize
(https://www.politize.com.br/soberania/)

No livro ‘Vigiar e Punir’, é notório que este poder se tornou ineficaz diante das relações sociais, econômicas e políticas, que são cada vez mais complexas. Em dias atuais, a noção de suplício com as execuções públicas violentas a fim de exibir poder do rei e consequentemente desencorajar atos criminosos já não é efetiva. Dessa forma, a Disciplina (Poder Disciplinar) toma conta da eficiência de poder que existe atualmente. Ele faz parte da disciplina ao introjetar o poder, como na relação em que não é só fazer uma criança bagunceira, ficar quieta, mas fazer com que ela acredite o que é e o que eu quero que ela acredite que seja, esse é o poder disciplinar.

A sociedade, para ter uma determinada ordem baseada no livre mercado, o capitalismo vai precisar vender suas ideias a fim de incorporar no indivíduo e o fazer acreditar naquilo como sendo seu desde sempre. Em exemplo disso, ao se classificar como “trabalhador” e “pai de família”,

significa que esses sentidos foram ditos tantas vezes, a ponto de se naturalizar e serem incorporados pelos indivíduos, que se tornam sujeitos trabalhadores, pais, professores e outros adjetivos. A consequência direta disso é que tudo o que é diferente disso, não deve ser aceito. Seguindo na mesma linha de raciocínio, se existe uma Lei, que o tempo todo nos lembra sobre não roubar, isso em determinado momento se automatiza ao ponto de nunca pararmos para nos perguntar ‘porque não roubar’. Quando se torna natural, algo que não é necessário questionar, esse é o momento em que o poder disciplinar se tornou mais eficaz.

Todos os sistemas fazem parte de dispositivos que apontam para um único tipo de sujeito. O sujeito consumidor. Sejam eles os jurídicos, educacional, religioso, artístico ou jornalístico, em exemplo. De volta ao início, a essência de Foucault é exatamente como o poder nos faz acreditar que somos algo de forma mais eficiente do que a necessidade de colocar uma arma na cabeça. O poder em si, precisa ser exercido, como uma rede, onde cada pequena relação, por mais pacífica que seja, são relações de embate. Foucault tampouco nos diz que todas as relações consistem em relações do poder:

> A palavra poder é suscetível a levar a uma série de mal-entendidos - no que respeita a sua natureza, forma e unidade. Por poder, não quero dizer "Poder" como um grupo de instituições e mecanismos que asseguram a subserviência dos cidadãos de um dado Estado [como o caracterizam muitas análises liberais]. Por poder, não quero dizer, tampouco, um modo de subjugação que, em contraste com a violência, tem a forma da regra [típica de abordagens psicanalíticas]. Finalmente, não tenho em mente um sistema geral de dominação exercida por um grupo sobre outro [ou seja, opressão de classe], um sistema cujos efeitos, através de sucessivas derivações, permeiam todo o corpo social [como em muitas perspectivas marxistas] (FOUCAULT, 2018, 92).

Nesse nível, todos exercem o poder uns sobre os outros, formando uma ‘teia’ de poderes que são exercidos naqueles que supostamente estão acima de nós, sem obrigatoriedade, já que não há nenhuma oposição binária e abrangente entre governantes e governados – topo e base da pirâmide – no fundamento das relações de poder que sirva como matriz, isso significa que não se pode entender sobre poder olhando somente para monarquias ou estados. Como aponta Lynch:

> “O poder desenvolve-se, na primeira instância, em escolhas, comportamentos e interações específicas, locais e individuais. Estes se combinam em uma miríade de maneiras para contribuir padrões sociais maiores e, eventualmente, produzir macroformas nas quais normalmente se pensa quando se pensa em “poder” [sociedades, estados, reis]” (LYNCH, 2018, 35).

Além disso, só é classificado como poder a relação que sofrer alguma resistência. Não há relação de poder o ato de pegar um copo e tomar, já que ele não impõe nenhuma resistência – sendo desconsideradas as forças físicas. É reiterado que “nas relações de poder há necessariamente a possibilidade de resistência, pois se não houvesse, não existiriam relações de poder” (FOUCAULT, 2018, p. 33). Ele acrescenta ainda que “não pode haver relações de poder a menos que os sujeitos sejam livres. Se há relações de poder ao longo de todo o campo social é porque a liberdade está em toda a parte”.

A partir disso, Foucault se preocupa em promover uma mudança que conteste à dominação de opressão e estimule aquilo que se refere como a tarefa da liberdade. As análises do teórico sobre o poder, liberdade e subjetividade esclarecem não serem capaz de confiar no que nos priva no acesso de qualquer conhecimento completo e definitivo “a fim de ganhar acesso a verdades absolutas sobre nós mesmos e o mundo no qual vivemos, ou prover-nos de um código moral que possamos seguir de modo acrítico”, já que estamos “sempre na posição de começar de novo” (FOUCAULT, 2018, p. 18).

Administrar a significação da palavra é administrar como o mundo é percebido, o poder se estabelece na sociedade, usando vários dispositivos sociais, colocando o jornalismo como um desses grandes dispositivos e o presídio como outro. Para Foucault, dispositivo é o que condiciona a forma de pensar, mover e gestar com aspecto positivo, meio em que exerce um poder positivo a fim de construir algo sobre o indivíduo. Assim, uma das perguntas a serem respondias é sobre a forma em que esses dois dispositivos atuam juntos. Sendo que na falta de um, provavelmente o outro não cumpriria o papel que possui, neste caso, o presídio não cumprira seu papel através do jornalismo, pois jamais saberíamos sobre a vida interna do

local e consequentemente não serviria como uma imagem de disciplina esperada pelo dispositivo midiático.

A pesquisa então procura entender como o jornalismo participa da construção de um imaginário discursivo a respeito do presídio, a quem interessa essa mídia e quais são as causas dos efeitos sociais, já que ele parece transmitir sensações de disciplina e poder somente às minorias, como miseráveis e humildes, ao contrário da alta classe quando sofrem as consequências de fatos exercidos. “Trata-se do substrato em movimento das relações de força que, em virtude da sua desigualdade, constantemente engendram estados de poder, mas estes últimos são sempre locais e instáveis” (FOUCAULT, 2018, p. 33). Para o preso, o presídio funciona rente ao poder soberano. Interiormente as qualidades de vida e obediências são diferentes ao que se vê de fora. Já para quem não o vive, ele funciona como disciplinar, deixando explícito que ali estão as consequências de atos cometidos. Quando o jornalismo olha de fora o presídio ele é capaz de narrar e produzir sensações que cumpre o papel do poder disciplinar.

Podendo citar que os efeitos de exercer o poder devem alcançar qualquer intenção ou controle sobre o indivíduo, argumenta Foucault “contra a visão de que o ‘Estado’ age como um monólito e está defendendo a importância dos microeventos, com suas ondulações e interações a fim de compreender macrofenômenos” (TAYLOR, 2018, p.37). Os Macrofenômenos são resultados da ligação de muitos microeventos, mas não são resultados de ação ou escolhas particulares. Portanto, trata-se de uma defesa em compreensão ao nível sistêmico e não individual diante das relações de poder. Ainda, Nancy Fraser passa a ponderar que Foucault até pode ser capaz de identificar e criticar aspectos problemáticos da nossa sociedade, mas não pode fornecer razões em que devemos rejeitar esses aspectos.

Foucault entende o conceito de dispositivo qualquer coisa que tenha capacidade de capturar, modelar e assegurar os gestos, condutas e os discursos dos seres. Perceptivamente, não diz respeito só sobre as prisões,

disciplinas ou medidas jurídicas da qual possui conexão direta com o poder em seu sentido evidente, mas aos mais tolos atos de usufruir, em exemplo, de objetos que estão genuinamente inseridos no cotidiano, mas que possuem seu sentido mútuo e explícito na acepção de dispositivo. Acerca de que empregam o movimento do corpo humano e o submetem, simultaneamente, corpo e mente, permitindo que exercemos no ato de sequestrar e inaugurar nossa subjetividade com a chance de conceder algo novo. Ainda nesse sentido, a linguagem é o mais antigo dos dispositivos, onde há milhares de anos um primata atingiu inconscientemente a essa captura e que tornou-se uma atividade sensorial inconcebível, fazendo com que não haja um instante na vida dos indivíduos que não seja modelado ou contaminado por um dispositivo. É então definida a extrema consolidação da proliferação dos dispositivos nos dias de hoje.

> Generalizando posteriormente a já amplíssima classe dos dispositivos foucaultianos, chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc, cuja conexão com o poder e em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEM, 2005).

O conceito de dispositivo é apontado como um lugar de destaque para responder questões sobre o sentido ele atua na materialidade dos corpos, tornando estes como úteis, e, de que maneira o tal dispositivo opera no sentido da criação de novos modos de ser e viver. Podemos citar dispositivo como um instrumento de poder através do qual um objetivo é perseguido e conquistado, é dessa forma que um corpo é domesticado. Diante deste termo, Foucault (1979, p. 138) demarca dispositivo no livro *Microfísica do poder*, como um conjunto conclusivamente heterogêneo que engloba instituições, organizações arquitetônicas, leis, decisões

regulamentares, medidas administrativas, proposições filosóficas e morais, criando uma rede entre esses elementos em dada sociedade, já que vivemos em disciplina. A todo o momento estamos sujeitos e expostos a normas para conter e docilizar os corpos, vivendo uma mecânica disciplinar que nasce em espaços específicos e dialoga umas com as outras.

Resumidamente, o dispositivo disciplinar está no dito e no não dito, dessa forma, existe a possibilidade de acionarmos um dispositivo para cumprir determinado objetivo, ou dispor do silêncio e daquilo que não foi posto em prática, que também é uma operação. No caso dado ao trabalho, tem a função de cumprir o papel social da captura de subjetividade e o modo de agir perante o mundo. Isso porque, somente o fato de existir o presídio - dispositivo não dito -, faz com que as pessoas sintam medo de que essa seja a consequência de determinadas ações. A vigilância e a punição fazem parte dos dispositivos de uma sociedade disciplinar, que contribui diretamente na fabricação da subjetividade como um modelo ideal, não sendo aceito qualquer outro que não seja esse. Concluímos que os dispositivos são uma relação de força à uma estratégia que usamos para atender determinados fins, com relação a ideia de controle e do saber, “o dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente se condicionam [...]” (FOUCAULT, 1979, p. 139).

> A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício [...]. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame. (FOUCAULT, 2014, p. 64)

Para Benelli (2006, p. 63) o que nos atenta nesta pesquisa em relação ao dispositivo de poder disciplinar são os elementos:

> O que nos ocupa nesta pesquisa é a análise de instituições entendidas enquanto elementos de um dispositivo articulador das relações entre produção de saberes e modos de exercício do poder. Por isso retomamos a descrição de determinadas

> instituições: aquelas que, num dado momento histórico, constituem peças na engrenagem de um tipo específico de sociedade, que Foucault (1984, 1999b) nomeou como “instituições disciplinares”. Nesse sentido, o que a genealogia de Foucault nos proporciona é uma análise pragmática da nossa situação atual, haja vista que ainda vivemos numa sociedade disciplinar.

Dito isso, a tecnologia disciplinar tende a atravessar as diversas instituições que fazem parte do corpo social, refletindo em um nível propriamente capilar e microfísico do tecido social. O processo do poder disciplinar constrói uma sociedade à risca, produzindo coletivamente corpos dóceis e adestrados, é uma modalidade de poder produtivo, e não repressivo ou essencialmente restritivo, já que a maior preocupação é transformar o indivíduo e não exterminá-lo. As forças são ligadas para um único fim: serem utilizadas em sua totalidade é assim que a ação do poder disciplinar se torna essencial na produção da subjetividade moderna.

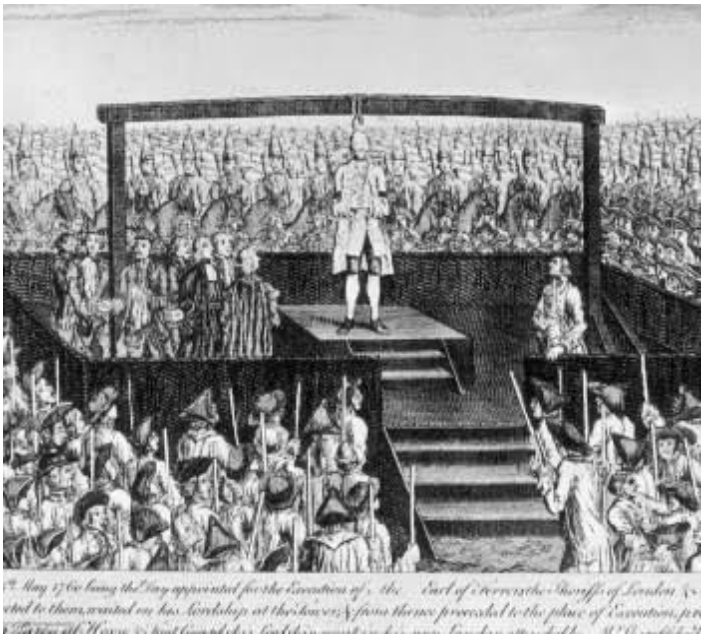
Em expressão do senso comum, a disciplina “fabrica” indivíduos, é como se ela transformasse todos eles, ao mesmo tempo, em objetos do seu instrumento de exercício aplicando uma força na subjetividade a fim de incorporar no indivíduo e o fazer acreditar naquilo como sendo seu desde sempre. Este é o momento em que citamos o presídio, que, instituição criada, segundo Foucault (2014) para tornar os indivíduos como dóceis e úteis, diante a um trabalho preciso sobre corpos antes que a lei conceituasse como pena por excelência. Michel Foucault ainda aponta que “O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (BENELLI, 2014, p. 67).

## 1.1 DISPOSITIVOS PRISIONAL E MIDIÁTICO

Em parte desta pesquisa, nos ocupa uma análise de instituições consideradas como elemento de um dispositivo articulador das relações entre produção de saber e modo de exercício do poder. Estamos falando do dispositivo prisional, aquele que em determinado dado histórico faz parte de um tipo específico de sociedade, nomeada por Foucault como "instituições

disciplinares”. Assim, o presídio e o imaginário causado por ele, substitui o antigo suplício, que no dicionário da língua portuguesa se dá como: dor intensa, violenta ou prolongada no corpo. Grande sofrimento moral; aflição intensa e prolongada. Há tempos passados da história o suplício era responsável por punir de forma agressiva  em execuções públicas, como em praças, na intenção de garantir uma ordem social desencorajando qualquer ato criminoso, sendo esse um papel de disciplinar a sociedade. Foi do século XVIII para o XIX que a legislação definiu o poder de punir como função geral da sociedade, ou seja, a penalidade de detenção, onde era exercido da mesma maneira sobre todos, na qual um deles era representado. Isso significa que o indivíduo ali torturado servia de exemplo para que o restante da população não tomasse certas ações, se não acabaria como o torturado estampado ao público.

**FIGURA 3:** Suplício dos corpos: execuções na Inglaterra e França no antigo regime



**Fonte:** Rainhas Trágicas (https://rainhastragicas.com/2016/08/09/o-suplicio-dos-corpos-parte-ii/)

Partimos do pressuposto que a sociedade disciplinar é uma base sócio-histórica importante, que nos permite entender como são possíveis acontecer as instituições totalitárias, mesmo podendo ser desconsideradas

em relação a contemporaneidade em que vivemos junto ao avanço tecnológico das diversas estratégias de vigilância e controle. Mas, ao mesmo tempo, o formato de prisão aconteceu, de acordo com Foucault (2014, p. 67) fora do aparelho judiciário:

> [...] quando se elaboraram, por todo o corpo social, os diversos processos para repartir os indivíduos, fixá-los, distribuí-los especialmente e classificá-los, visando tirar deles o máximo de tempo e de forças, treinando seus corpos e codificando seu comportamento continuamente mantendo-os sob uma visibilidade sem lacunas, formando em torno deles um aparelho completo de observação, registro e anotações, produzindo sobre eles um saber que se acumula e se centraliza.

Rapidamente foi naturalizada a prisão como castigo, que logo assumiu um caráter de obviedade social que vemos até hoje por se fundamentar na forma simples de privar a liberdade, dentro de uma sociedade de indivíduos livres como uma pena igualitária, e obviedade econômico-moral de uma penalidade que separa os castigos em dias, meses e anos, dependendo das equivalências à respeito dos delitos e duração. Dito isso, a prisão ainda ocupa o papel de transformar os indivíduos, “Ao encarcerar, ao retreinar, ao reeducar e tornar dócil, a prisão apenas reproduz, de modo acentuado, todos os mecanismos encontrados no corpo social: ela seria apenas um quartel estrito, uma escola sem indulgência, uma oficina sombria e meticulosamente organizada” (FOUCAULT, 2014, p. 69).

> São dois os fundamentos que fizeram a prisão parecer a forma mais imediata e civilizada das penas: a dimensão jurídico-econômica (articulando as variáveis da liberdade e do tempo) e a dimensão técnico-disciplinar (articulando a privação da liberdade e a técnica corretiva). A prisão foi desde o princípio uma “detenção legal” encarregada de um suplemento corretivo: instituição de modificação dos indivíduos que a privação da liberdade permite fazer funcionar no sistema legal, visando sua ressocialização. O encarceramento penal, desde o início do século XVIII, recobriu ao mesmo tempo a privação de liberdade e a transformação técnica dos indivíduos. (BENELLI, 2014, p. 69).

É comum encontrar o termo dispositivo em trabalhos acadêmicos da área da Comunicação, aparecendo principalmente em artigos que abordam

sobre dispositivos midiáticos como se adequa ao caso deste trabalho de pesquisa. No texto nomeado como *Mídia: um aro, um halo e um elo*, de Elton Antunes e Paulo B. Vaz (2006), o entendimento da mídia como dispositivo é trabalhado como aquele que "compreende as dimensões da comunicação como certo arranjo espacial, uma forma de ambiência, e um tipo de enquadramento que institui um mundo próprio de discurso" (ANTUNES, VAZ, 2006, p. 46). Esses autores afirmam que os dispositivos de origem midiática permitem perceber cerca de quatro articulações: a primeira delas é a forma específica de manifestação do material e formatação de textos, na segunda se dá ao processo de produção da significação e estruturação de sentido, já na terceira a maneira de ordenar os processos de interação e por fim, o procedimento de transmissão de materiais significante. Todas as características são profundamente sobrepostas. Dessa forma, na visão foucaultiana é visto como um suporte material que possibilita certos modos de ouvir, ver, sentir e, portanto, interagir no mundo. Ou seja, o dispositivo midiático para Michel Foucault é o responsável por levar construções de sentido diferenciadas para cada ser, sendo que cada dispositivo possui um suporte material específico - TV, jornal impresso, rádio, revista e celulares - por onde os textos fluirão.

Diante disso, os modos de interagir são definidos junto com a linguagem, gramática e sentidos pelos quais eles serão construídos. É por meio desse processo que os indivíduos poderão ter experiências próprias e construir suas interpretações sobre os dispositivos, de maneira que sejam afetados por cada um deles em seu modo particular, implicando o mesmo conteúdo em diferentes dispositivos midiáticos. Podemos abordar a convergência midiática como exemplo em levar distintas experiências e apropriações a quem as recebe, no que se refere a transmissão de informação em diferentes meios de comunicação, principalmente diante a tecnologia digital que se mantém em evolução a cada dia.

> Com o desenvolvimento das tecnologias da informática, especialmente a partir da convergência explosiva do computador com as telecomunicações, as sociedades complexas foram crescentemente desenvolvendo uma

> habilidade surpreendente para armazenar e recuperar informações, tornando-as instantaneamente disponíveis em diferentes formas para quaisquer lugares. O mundo está se tornando uma gigantesca rede de troca de informações. (2003, p. 18).

Cada vez mais as mídias digitais trazem a relação interativa que a televisão, por exemplo, vem utilizando para interessar e conversar diretamente com o público do jornal. Isso significa que estão buscando se encaixar e gerar sentidos voláteis para a participação ativa do usuário. Concluímos então, que o chamado hipertexto de multimídia é a representatividade atual que modela as mentes e memórias, já que estamos programados a agir de maneira intuitiva pela inserção neste cenário.

## 2 DELIMITAÇÃO DO CORPUS DE ANÁLISE

No entanto, o trabalho utiliza da metodologia exploratória, quando a forma de estudo assume a finalidade de pesquisa entre o tema e o que foi conveniente como explicação, sobre o *corpus* de análise estabelecido em quatro matérias jornalísticas noticiadas através dos respectivos veículos televisivos: Jornal O Globo, Jornal da EPTV, Jornal da Clube e Cidade Alerta. A partir de imagens, repetições, tons de fala, enquadramentos e angulações é possível identificar as marcas discursivas que o jornalismo deixa nos receptores da notícia, em relação ao presídio como forma de disciplina e poder.

Cita-se então, o Biopoder, pensado por Foucault como a forma de otimizar temas cotidianos e suas relações de poder/saber em uma técnica que busca desenvolver um estado de vida exclusivo para produzir corpos dóceis. Essa forma de governar está em vigor desde o século XVII (FOUCAULT, 2012), antes disso, o poder predominante provinha do soberano, aquele em que possui autoridade superior sem que seja restringida por nenhuma outra forma de poder, sendo este considerado como absoluto que dispunha do direito de vida e de morte sobre os indivíduos.

Em tempos atuais, o antigo direito de poder matar para poder viver,

foi substituído pelo princípio de o poder presenciar a vida, ou seja, assumiu a tarefa de gerir a existência das pessoas por meio da disciplina e biopolítica - higiene, alimentação, sexualidade, natalidade, longevidade. “Agora é sobre a vida e ao longo de todo o seu desenrolar que o poder estabelece seus pontos de fixação. A morte é o limite, o momento que lhe escapa. Ela se torna o ponto mais secreto da existência, o mais privado” (FOUCAULT, 2012, p. 23). Através disso, o método a ser seguido para a obtenção de dados, vem através da forma qualitativa, já que busca entender o caminho para a tomada de decisões corretas sobre o problema relacionado, compreendendo determinados comportamentos, expectativas, percepções e outros aspectos que não são materiais.

A princípio será utilizada a revisão bibliográfica, etapa fundamental para o trabalho de conclusão de curso, permitindo conhecer cada vez mais o autor e seus estudos sobre o que a temática tem a dizer em relação ao assunto escolhido. Neste caso, a revisão acontecerá de forma direta à metodologia de Análise do Discurso de Michel Foucault, chamada de arqueologia – primeira fase da genealogia. A intenção é analisar criticamente os fatos meramente descritivos do jornalismo, já que em Foucault a própria linguagem humana não é capaz de produzir nada mais que interpretações, isso significa o estudo das marcas discursivas por meio das evidências do que está escondido. Sendo assim, a metodologia procura entender como essa forma de comunicação participa da construção de um imaginário discursivo a respeito do presídio e do presidiário que causam efeitos sociais.

É através da própria Análise do Discurso de Foucault, que estuda as evidências que estão escondidas, neste caso, as marcas discursivas. E, então, decorreu a análise dos efeitos deste imaginário – medo, disciplina e docilidade – na sociedade brasileira. Diante da percepção das matérias jornalísticas narradas por veículos televisivos, é possível identificar algumas marcas discursivas que o jornalismo deixa na sociedade em formato de disciplina, causando aversão e preconceito a respeito do presídio.

Essa é uma forma de poder que contribui na definição da subjetividade, ou seja, do que resulta o pensamento do sujeito com base no seu imaginário discursivo. A base disso é a compatibilidade do jornalismo e o sistema carcerário. É entendível então, que Foucault lecione o grau em que a subjetividade implica dentro das relações de poder, já que segundo suas próprias análises, a produção de diferentes categorias de sujeitos, bem como os processos dos indivíduos, constrói a nós mesmos através e em oposição a essas categorias (FOUCAULT, 2018).

> Foucault também deixa claro que a subjetividade não é simplesmente imposta externamente. Nós assumimos e ocupamos as oposições de sujeito que o nosso contexto sócio histórico nos disponibiliza: sujeitos não são apenas feitos, nós nos fazemos [...] (FOUCAULT, 2018, p. 17).

Em uma série nomeada como “Violência Encarcerada” disponibilizada pelo Jornal O Globo na plataforma do Youtube, em setembro de 2019, temas como a superlotação nos presídios, poder das facções, soluções para os cárceres brasileiros e doenças que atingem a população carcerária mais do que a própria violência, são alguns dos *corpus* de análise destacado como exemplos de sustentação da ideia de que o presídio e a mídia – jornalismo - trabalham produzindo temor em relação ao mundo penitenciário. Segundo dados do próprio documento utilizado, o problema nacional da superpopulação carcerária atingia – há três anos – a marca de 53 mil presos para 28 mil vagas, sendo mais que o dobro da ocupação adequada.

**FIGURA 4:** Imagem usada pelo Jornal O Globo para retratar a superlotação nos presídios do Brasil

**Fonte:** Agência O Globo

(disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W0YjKTKQMgQ)

Além disso, matérias com enfoque em rebeliões e massacres, como as intituladas: “Domingo Espetacular entra em presídio que deu início a onda de massacres no Maranhão” e “Fugitivos do CPP de Jardinópolis são recapturados” fazem parte do material a ser analisado com a finalidade de conclusão centrada em que o jornalismo narra o presídio de forma em que coloca este como forma de disciplina e poder na sociedade.

## 3 ANÁLISE DISCURSIVA: QUANDO O JORNALISMO NARRA E MOSTRA O PRESÍDIO

Antes de chegar às considerações finais, é necessário que os *corpus* sejam analisados como comprovação da validade do estudo. Até aqui, foi possível conceber a forma como Michel Foucault entende do que é dito como “poder” em relação à forma de disciplina imposta pelas tarefas e consequência do presídio, narradas pelo jornalismo como um todo.

Logo, a forma como as imagens, repetições e enquadramentos são colocados pelos veículos televisivos, causam repulsa na sociedade que recebe a notícia como validação de repulsa do local e dos internos que o habitam. Esse é um dos exemplos dos reflexos da docilidade como forma

de disciplina perante o sistema carcerário, é assim que Michel Foucault sugere que o poder é onipresente, portanto, ele pode ser encontrado em todas as formas de interações sociais.

## 3.1 MATÉRIA JORNALÍSTICA 1

Partindo do princípio, o vídeo nomeado como “A superlotação nos presídios - Acabou o ar”, primeiro episódio da série Violência Encarcerada - Jornal O Globo, exibido em 22 de setembro de 2019, destaca a princípio detalhes de movimentação na parte interna de um presídio, acompanhada por narração que destaca dados do principal assunto do vídeo: a superpopulação carcerária nos presídios brasileiros. Cerca de dez imagens são colocadas no estilo de um *flash*, ainda na parte inicial do vídeo, seguidas de dados numéricos, como o Brasil ser o terceiro país com maior população carcerária – ficando atrás somente dos Estados Unidos e China – junto ao déficit de profissionais comparado com a quantidade de presos, cumprem o papel de destacar a gravidade das condições que a superlotação nos presídios causa, dando enfoque proposital para gerar impacto.

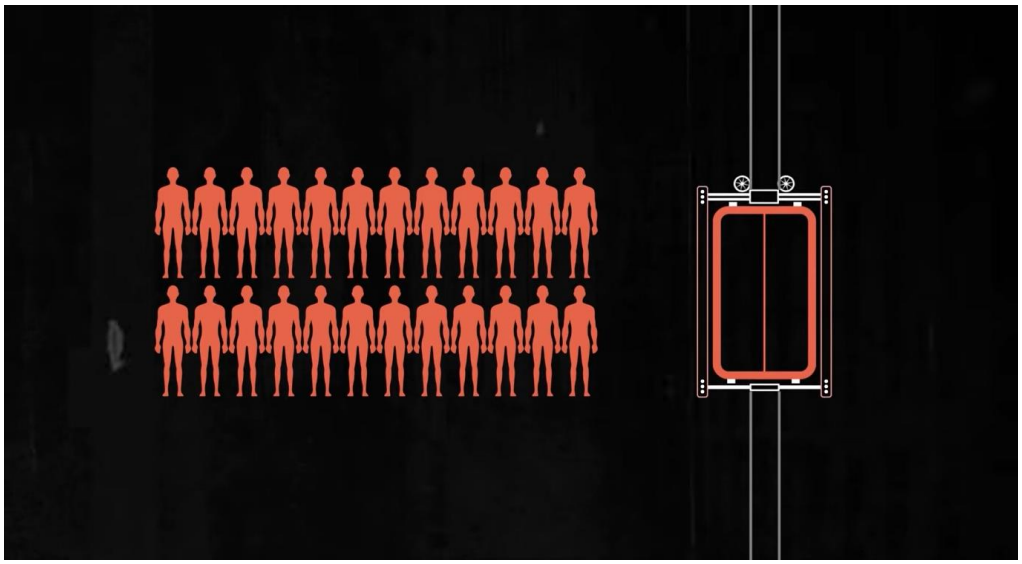
A partir disso, dados didáticos surgem na tela em forma de comparações cotidianas, a fim de facilitar a captação da mensagem ao receptor.  Métricas como, especificamente - no ano da publicação -, mais de 831 mil detentos se acomodam em 423 mil vagas ideais distribuídas em 2 mil presídios e carceragens. Em exemplo disso, as analogias da grande quantidade de presos para poucas vagas, seguem na proporção de dez passageiros viajando dentro de um Fusca, vinte e quatro pessoas dentro de um elevador de dois metros quadrados e setecentos paulistanos ocupando um vagão de metrô.

**FIGURA 5:** Ilustração do episódio “A superlotação nos presídios”

**Fonte:** Jornal O globo

(disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W0YjKTKQMgQ)

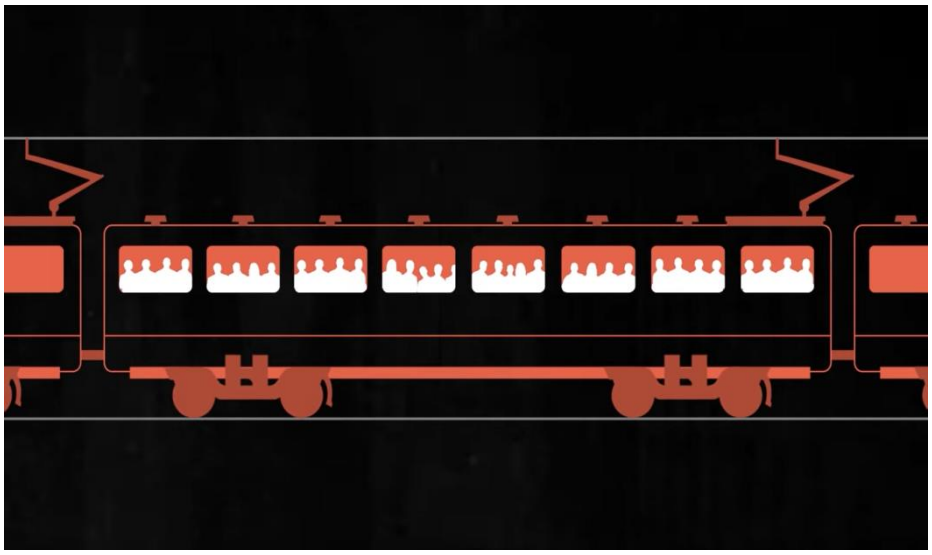
**FIGURA 6:** Ilustração do episódio “A superlotação nos presídios”



**Fonte:** Jornal O globo

(disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W0YjKTKQMgQ)

**FIGURA 7:** Ilustração do episódio “A superlotação nos presídios”



**Fonte:** Jornal O Globo
(disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W0YjKTKQMgQ)

Ainda no decorrer do tempo de vídeo, ex-presidiários são colocados para relatar suas experiências como internos do cárcere superlotado. Detalhes sobre o tamanho da cela, necessidade de dormir em pé, falta de espaço até em colocar um dedo fora da grade, corpos grudados e falta de dignidade. Em uma das entrevistas, é destacada a fala de que “na cadeia você sonha que está dormindo em casa; e em casa, quando dorme, sonha que está na cadeia” juntamente a denominação do jargão dito como “enterrado vivo”, como se ao chegar naquele local o indivíduo deixasse de pertencer ao tecido social. Essas são mais algumas marcas - denominadas como traumas - que se encaixam a uma problemática no sistema de poder que, de acordo com a teoria jurídico-discursiva, existem três principais características: a primeira de que o poder opera por meio de interdições, em segundo lugar, ele assume o formato de uma Lei que origina um sistema binário do que é legal e ilegal, juntas essas duas características formam a terceira em que destaca que o poder opera a partir de um ciclo de proibições (FOUCAULT, 2018).

Seguindo a análise do vídeo, a presença de especialistas sobre o assunto dá ainda mais credibilidade aos fatos e relatos de condições de vida, onde massacres e rebeliões são justificados. Nesse mesmo lugar de

fala, no padrão atual de moralidade, é possível que o detento tenha atitudes que a sociedade fora do presídio considere repugnante, mas para quem passa dia a dia pelas situações internas, os padrões a serem levados em conta, são outros. Por isso, a situação de barbárie, segundo o Defensor Público Geral do Amazonas, Rafael Barbosa, justifica os massacres em cela.

O déficit de profissionais em relação ao sistema prisional também é salientado quanto às condições do mesmo, dessa forma, o crescimento exponencial no número total de presos não acompanha proporcionalmente todas as instituições e agências que trabalham de acordo com o sistema carcerário. Dessa forma, não são constatados números crescentes de profissionais como os defensores públicos, juízes, promotores, agentes penitenciários ou entendidos que atuam ativamente em outras áreas - como na saúde e educação - dentro das prisões. Assim como, a cadeia no Brasil é comumente comparada a um funil em que a inserção de indivíduos que cometeram delitos é explosiva - sendo a base larga - e a saída dos mesmos, diminuta, equiparada ao afunilamento do objeto.

A fim de provar o ‘funil’ das prisões no Brasil, o vídeo ainda retrata um agrupamento de matérias jornalísticas televisivas em diferentes veículos midiáticos dando destaque, através de cortes secos, quando dito sobre prender “quadrilha”, “pessoas” e “traficantes” em suas diferentes atividades de infrações estabelecidas pelas leis que regem a sociedade e os leva às punições ligadas ao sentido de poder. Acompanhada das falas, as imagens com enquadramentos chocantes reforçam ainda mais a ideia hostilidade de consequência dos atos cometidos por estes.

**FIGURA 8:** Flash jornalístico retrata prisão de indivíduo

**Fonte:** Jornal O Globo

(disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=W0YjKTKQMgQ)

Dados evidenciados na mesma matéria mostram que os principais crimes que levaram à prisão no País em 2019 foram: tráfico de drogas (30,1%), roubo (26,2%), furto (11,7%), homicídio (10,1%), estupro (3,25%), receptação (2,9%) e porte ilegal de armas de uso restrito (2,5%). Encaminhando ao final da análise dessa matéria, a problemática mostrada de forma despropositadamente é a que, atualmente, há várias hipóteses e tipos de cumprimento de pena, entre elas por exemplo, a prisão temporária, monitoramento eletrônico, preventiva e domiciliar. Mesmo assim, o número de presos e a superlotação nos presídios brasileiros permanecem em crescimento.

## 3.2 MATÉRIA JORNALÍSTICA 2

O segundo e o terceiro *corpus* de análise se complementam e - assim como na primeira matéria - também contribuem para a explicação das marcas discursivas do jornalismo sobre o presídio citadas neste trabalho. O acontecimento é dado a partir da rebelião no Centro de Progressão Penitenciária (CPP) de Jardinópolis, em 2016. A princípio, uma notícia ao vivo do Jornal da EPTV, transmitida aos telespectadores no horário do almoço, retrata em tempo real os acontecimentos com um repórter

correspondente presente no local. Ao chamar a matéria, a prioridade junto ao tom da fala com detalhes de “correria”, “incêndio”, “troca de tiros” e “clima tenso” dados pela âncora Lucieli Dornelles, deixa perceptível a urgência do caso. Acompanhada da narração do repórter, as imagens focadas na área de fumaça que sobressai o CPP com *zoom* na cena dos presos resgatados, sentados ao sol com somente a roupa íntima no corpo e atrás de uma grade de quatro metros de altura derrubada durante a rebelião, retratam cenas assustadoras.

**FIGURA 9:** Presos organizados na quadra do CPP de Jardinópolis para contagem após rebelião

**Fonte:** Jornal da EPTV

Além dos detentos que ficaram nas celas durante a ação, cerca de 200 outros conseguiram fugir do Centro de Progressão. Em outras imagens retratadas durante a matéria, policiais capturam alguns dos fugitivos no canavial próximo ao local da fuga com tiros para o alto na tentativa de controlar os indivíduos. As repetições das cenas de fogo, tanto pelos arredores do presídio como dentro do mesmo, também são detalhadas como forma de descrever um cenário hostil. Em seguida do ao vivo, um compilado de informações desde o início do ocorrido toma conta da produção da notícia a fim de relembrar, repetir e deixar mais claro para o público sobre o evento que acontecera naquele dia 29 de setembro de 2016.

Neste momento é mostrado cenas de quando a rebelião ainda não estava totalmente controlada. Presos correndo na parte externa da penitenciária e em cima dos telhados, estrutura de proteção caindo como parte da fuga, movimento intenso dos encarcerados que não fugiram e os mesmos entendendo panos brancos sobre as grades da quadra, policiais iniciando uma rígida ação e familiares aflitos chegando ao Centro de Progressão Provisória em busca de informações da situação dos detentos. Ainda na sequência, foram flagradas correria no canavial localizado nas margens da rodovia, intituladas como “cenas de faroeste”, já que policiais e bandidos - como foram nomeados - ocasionaram troca de tiros.

Os fatos retratados dos indivíduos sendo colocados na viatura da Polícia Militar e chegando ao presídio para contagem são acompanhados de explicação, em formato de narração, do que se pode ver de fora. Neste caso, os homens entram em fila acompanhados do Batalhão de Choque, tiram as vestimentas e são revistados, só então enfileirados de joelho na quadra, com as mãos na cabeça. A chegada intensa de viaturas com presos capturados após a tentativa de fuga é insistentemente mostrada de diferentes ângulos.  Algumas repetições de imagens já mostradas no início da matéria começam aparecer do meio para o final, com a intenção de

relembrar e fixar as cenas do ocorrido a quem esteja acompanhando o jornal naquele momento.

**FIGURA 10:** Detentos que fugiram sendo levados de volta para o CPP

**Fonte:** Jornal da EPTV

Ainda sobre o mesmo fato, dessa vez transmitida pelo Jornal da Clube 2ª Edição, a terceira matéria foi citada na abertura pormenor “Rebelião destrói Centro de Progressão Penitenciária de Jardinópolis, presos do semiaberto atearam fogo na unidade e provocaram uma fuga em massa, a superlotação seria o principal motivo”, como fala do jornalista para contextualizar o ocorrido. Com a intenção de ressaltar cada vez mais as particularidades do ocorrido, as transmissões buscam flagrar ângulos distintos, uma emissora da outra, para que as exclusividades sejam maiores em cada matéria dada sobre o mesmo assunto detalhado. Dessa vez, o inicio da matéria surpreende com imagens de um preso atravessando a rodovia - que se encontra com movimento intenso de veículos, fumaça e policiais militares - próximo ao CPP e indo direto para o canavial.

Também faz parte do formato disciplinar em retratar o presídio através do jornalismo, a exibição repetitiva das imagens chocantes por diferentes meios. Isso porque, cada vez que são retratados, mais as mesmas ficarão fixadas no imaginário dos espectadores. Dessa forma, logo quando for dito sobre esse evento em específico, as imagens

insistentemente selecionadas como principais impactantes virão à mente como um lapso de lembrança independente de quanto tempo o ocorrido tenha se passado. Em exemplo disso, os recortes e enfoque do fogo ateado pelos próprios presos que se encontravam dentro do presídio e a cena da grade derrubada pelos mesmos durante a fuga de parte dos detentos.

**FIGURA 11:** Fogo ateado pelos presidiários que permaneceram dentro do Centro de Progressão Penitenciária

**Fonte:** Jornal da Clube

Diferente da última matéria analisada, onde foram somente citados o sentimento de desespero dos familiares, nesta, são feitas três entrevistas que deixam claro o feito. Mães são expostas chorando e angustiadas para saber sobre a situação dos filhos, caso eles tenham fugido ou se mantêm dentro do Centro de Progressão. Para salientar as condições de vida do CPP de Jardinópolis-SP a reportagem traz marcas do início do tumulto, após uma revista de rotina, já que os detentos reivindicavam agilidade no processo de redução de pena e a situação de superlotação.

Segundo as informações jornalísticas presente na própria matéria, o local foi construído em 2013 para abrigar cerca de mil reeducandos - aqueles que já haviam cumprido maior parte da pena com bom comportamento -, mas até o momento da notícia, em 2016, havia 800

presos a mais do que a capacidade máxima adequada. Para credibilizar ainda mais os dados ressaltados, a advogada Áurea Guidoni Cintra fala sobre as condições das celas, como a necessidade de dormir no chão por falta de acomodações em camas. Prestes a finalizar a notícia do motim, o apresentador do jornal chama uma exibição de fotos sobre a situação final em parte do presídio, além da minúcia do feedback da continuação das buscas - no rio Pardo e arredores de plantações de cana - dos detentos que ainda estavam foragidos. Um pescador dá entrevista sobre ter presenciado o momento em que três presidiários pularam no rio e um deles morreu afogado durante a ação.

## 3.3 MATÉRIA JORNALÍSTICA 3

Por fim, o último *corpus* de análise deste trabalho é intitulado como “Presos fazem rebelião no Centro de Detenção Provisória Belém, na Zona Leste de SP”, transmitido no dia 8 de março de 2022, pelo Cidade Alerta Record, veículo característico na transmissão de ocorrências em crimes, perseguições e casos policiais. Por esse motivo foi feita a escolha de deixar tal matéria por último, a fim de causar impacto e ficar ainda mais explícito a intenção e a efetividade desse estudo.

Dessa vez, todas as imagens transmitidas são captadas do alto, através de um helicóptero - mais especificamente, pelo Comandante Hamilton com notoriedade do público que acompanha frequentemente o jornal em questão - que sobrevoa o Centro de Detenção Provisória e torna possível maior noção de amplitude e contextualização do ocorrido, já que as imagens são colocadas no primeiro plano da matéria. Assim como durante as últimas análises, o enquadramento das cenas de fogo sobressai do início ao decorrer da notícia, contribuindo para cenas marcantes de hostilidade e desbrio.

Muito antes de concluir a junção das informações trazidas durante a reportagem, nota-se que a linguagem popular é uma ferramenta importante,

presente em todos os enredos trazidos para os telespectadores. Isso porque a língua coloquial possibilita atingir e comunicar com a maior quantidade de pessoas, sejam elas de diferentes idades e classes sociais.

Em continuidade na análise dos acontecimentos, conforme narrado pelo apresentador da matéria, o fogo teria surgido a partir de colchões e pertences pessoais queimados pelos próprios presos dentro da cela, além de materiais de uso próprio para cumprimento, e - eventualmente - redução da pena. A reafirmação constante de possuir imagens exclusivas do momento aumenta a sensação de ter a necessidade em acompanhar toda a reportagem, sem que nenhum minuto dela seja perdido. Isso faz com que as cenas mostradas e narradas pelo jornalismo se concretizem no imaginário do público acompanhante. Outra marca importante a se destacar dessa matéria é a partir da participação com a narração do próprio comandante do helicóptero que faz a captação das imagens. A fala simples traduzindo o imediatismo do ocorrido deixa explícito a fixação do fato para quem o acompanha em tempo real da transmissão.

**FIGURA 12:** Montagem de imagens exclusivas no imediatismo do ocorrido no Centro de Detenção Provisória Belém

**Fonte:** Cidade Alerta

Como parte da fala do apresentador do jornal, é possível destacar a seguinte: “imagem inédita do momento exato em que a Força da Secretaria de Administração tenta colocar ordem no local”. O verbo *tentar* prova a dificuldade em conter o cenário causado pelos presidiários e como a junção desses acontecimentos mostrados torna o presídio como algo negativo e perigoso, colocado um exemplo de consequência e disciplina - de forma negativa e desfavorável - a quem se posiciona contra as leis impostas em formato de regras obrigatórias a serem cumpridas dentro de uma civilização.

Mais um ponto de fala destacado nesse *corpus* de análise está durante a narração do comandante, que sobrevoa o local do acontecido, ao salientar a importância do Grupo de Intervenção Rápida (GIR) e automaticamente colocar os indivíduos em uma situação abominável de agressividade. Ao apresentar uma dúvida sobre uma possível nova ação dos presos no Centro de Detenção Provisória Belém - SP, o apresentador do jornal julga que” todo cuidado é pouco” ao fazer menção aos presos trazendo características como: inescrupulosos e audaciosos que desafiam as autoridades com planos “macabros”.

**FIGURA 13:** Imagens mostra o GIR agindo contra ato de rebelião no Centro de Detenção Provisória Belém

**Fonte:** Cidade Alerta

Através de informações apresentadas na matéria, esse é o presídio que se equipara à quantidade de presos em relação a outros dois Centros de Detenção Provisória de São Paulo, localizados em Pinheiros e Osasco. Neste momento, as noções das ideias perante o ocorrido são passadas para o público de maneira pausada, dessa forma, o esclarecimento recente da situação dos detentos naquele instante - todos deitados no chão, de bruços e imobilizados após serem revistados - é um exemplo de narrativa sem pressa para melhor entendimento dos detalhes em relação ao ocorrido.

Imagens escuras formadas através de montagens na tela da televisão, persistem nas mesmas cenas de horror, com somente ângulos diferentes. A constância aqui mantém a intenção de assentar a ideia de malevolência e batalha na mente dos receptores da mensagem. A todo momento o apresentador cita diferentes nomes de pessoas acompanha o fato de perto, conforme dito pelo mesmo, a fim de que a matéria seja dada da maneira mais exclusiva e completa possível.

Em certo momento, ainda durante a cobertura do ocorrido, a matéria é interrompida por outro repórter que se encontra em uma situação diferente da exibida anteriormente, após ser chamado pelo próprio dirigente do jornal em tom de urgência. O acontecimento atual não tem ligação direta com o evento da rebelião no CDP, mas sobressai uma circunstância que também é considerada como uma afronta às leis que estabelecem regras em forma de ordenação e que possui o presídio como resultado da própria consequência, neste caso relatado, há uma desordem na Cracolândia, imediações esta conhecida pelo cenário de intenso tráfico de drogas.

**FIGURA 14:** Interrupção da matéria no CDP para chamada urgente de outro caso que acontece simultaneamente

**Fonte:** Cidade Alerta

Depois da fala pausada e da chamada simultânea para outro acontecimento, no atual momento do vídeo, o apresentador da matéria retorna a cobertura do ocorrido com novidades do caso expressadas de maneira acelerada, além de novas imagens feitas pelo comandante que iniciou a transmissão dos acontecimentos. Nessa ocasião, o helicóptero sobrevoou as proximidades do presídio em forma de uma 'varredura' para sondar e confirmar a possibilidade de fuga dos detentos acerca da rebelião.

Conforme a aeronave permanecia sobrevoando o Centro de Detenção Provisória, o jornalista investigativo e comentarista de segurança do jornal, Percival de Souza, preenchia as imagens com narrações contendo informações judiciais sobre o assunto apresentado desde o início, confirmando sua credibilidade e veracidade da notícia. Encaminhando para o final da transmissão jornalística, outros assuntos foram mencionados como forma de gancho, mas sempre mantendo o foco nos casos policiais que remetem a disciplina na necessidade de cumprimento de regras.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento deste estudo, foi possível fazer uma análise dos discursos jornalísticos sobre o presídio a partir de quatro

matérias jornalísticas veiculadas em diferentes emissoras televisivas. A escolha e junção delas estiveram relacionadas a situações de extrema violência, hostilidade e terrorismo durante rebeliões causadas pelos próprios detentos, além das péssimas condições de vida, neste caso, associada à superlotação que em alguns episódios foi a principal causa do motim.

Como objetivo fundamental, teve a intenção de analisar os efeitos discursivos que cada cobertura de matéria, em seus determinados casos, produziu, salientando a forma como o jornalismo participa e transmite as ideias sobre o presídio e os presidiários, na construção do imaginário que fornece a possibilidade de mobilização dependendo das palavras e dos sentidos, que remetem às formações imaginárias.

Os fatos apresentados nos faz indagar e debater especificamente sobre a forma como o dispositivo jornalismo se coloca presente na questão disciplinar dos presídios no Brasil, já que em outros países, por exemplo, as prisões são apresentadas de maneira mais serena e moderadas em relação às movimentações negativas dos próprios internos. Isso quer dizer que as rebeliões não são mostradas da mesma forma como conhecemos aqui. Ainda que as fugas – ou tentativas delas – aconteçam, o jornalismo internacional se mantém neutro aos acontecimentos e não mostram de forma efetiva os detalhes em repetições do ocorrido como vemos de forma frequente nas matérias televisivas.

Na baía de São Francisco, Califórnia, por exemplo, está localizada a conhecida Alcatraz das Montanhas Rochosas. Ela é considerada uma das prisões de máxima segurança, construída em 1934 e fechada em março de 1963 pelo seu alto custo de manutenção. Durante sua existência foram detidos os criminosos mais temidos dos Estados Unidos. Nesta ocasião, houve diversas tentativas de fuga, mas somente uma delas bem sucedida. Quatro prisioneiros, condenados por assalto a bancos, planejaram uma tentativa de fuga, mas somente três deles conseguiram efetuá-la, foram eles: os irmãos Clarence, John Anglin e Frank Morris. Ao invés de coberturas jornalísticas destacando o ato e sua consequência de disciplina,

foram usados como inspirações no cinema americano e toda sua narração com tom fictício da realidade destacada.

O formato das prisões fora do Brasil também é diversificado em relação à forma como estamos acostumados a imaginar de acordo ao que nos é narrado através do jornalismo. A Bastoy Prision, localizada na Noruega, é destacada como o melhor sistema prisional do mundo, mas segue o modelo que não possui cercados em sua volta e agentes penitenciários desarmados durante toda sua jornada de trabalho.

Outra característica impactante para nós, brasileiros acostumados com o presídio cercado e policiais portando armas em seu torno, é a de que os detentos possuem as chaves de todas as trancas internas do local que transitam. Dessa forma, entendemos que nem sempre o sinônimo de disciplina parte do princípio de agressão, cadeados e armas. Neste caso, o simples fato de permanência e convivência em um ambiente de reaprendizado, faz com que o sujeito pague pelos seus atos cometidos.

No Brasil, os dispositivos da mídia e da prisão se juntam e caminham na direção de produzir certos discursos de poder e resistência diante cenários hostis e emergentes. Se aqui existe um sistema carcerário superlotado com péssimas condições de sobrevivência, destacando a necessidade de que a rebelião seja ocasionada de maneira negativa para chamar a atenção das autoridades ao caso, então o jornalismo é a via possível para a narrativa de um efeito social gerado com a intenção de disciplina. Aliás, o que ocupa o lugar de disciplina em outros países sem que seja através dessa visão carcerária narrada ao que conhecemos e chamamos de mídia de massa diante as ações de extrema violência que já conhecemos?

É assim que Foucault (2008) preenche e envolve os dizeres sociais sobre este local com sentidos pejorativos, construindo o medo do próprio preso, e o medo de se tornar um. Essa prática tem funcionado como

máscara, pela qual grande parte do funcionamento do poder é obscurecida, tornando aceitável muitos dos mecanismos que ele propõe.

Ainda denominada pelo filósofo como uma representação “jurídico-discursiva” do poder, ele explica que é jurídica, pois está modelado sobre uma lei ou proibição, da mesma forma, ele deixa claro que a verdadeira operação de poder, não pode ser reduzida a um só modelo de Estado ou dominação, mas que funciona em sua variedade de meios e técnicas. Foi a partir dessa ideia que assumimos a hipótese de que o jornalismo mostra predominantemente o presídio em momentos de extrema violência, como as rebeliões, deixando de lado as situações de miséria e desumanização da população carcerária.

Toda essa formação discursiva passa a assentar efeitos sociais para os reclusos, junto às condições ali presentes, além de quem observa o sistema penitenciário pelo lado de fora e que possui o jornalismo como principal meio receptor de notícias. Assim, foi levado em conta o fato de que esse meio midiático possui participação efetiva na construção do imaginário discursivo em relação ao presídio, e a tudo que o envolve, como forma de disciplina e docilidade.

Entretanto, o presídio e o imaginário dele decorrente substituem o antigo suplício, que há tempos trazia a responsabilidade de punir agressivamente, com execuções públicas, na intenção de assegurar a ordem social e política desencorajando os atos criminosos como papel de disciplinar a sociedade. Assim, quando um sujeito toma frente de um discurso, ele mobiliza uma criatividade que busca entender tal mensagem dependendo do imaginário em que se foi discursado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **Conceitos Fundamentais**. Dianna Taylor. Editora Vozes, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

HOFFMAN, J. **A Teoria do Poder de Liberdade.** IN: **Conceitos Fundamentais**. Dianna Taylor. Editora Vozes, 2018.

Sales, M. (2016). **Foucault e os dispositivos.** IX Jornadas de Sociología de la UNLP, 5 al 7 de diciembre de 2016, Ensenada, Argentina. En Memoria Académica. Disponible en: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.9260/ev.9260.pdf.

BENELLI, SJ. **Foucault e a prisão como modelo institucional da sociedade disciplinar.** In: A lógica da internação: instituições totais e disciplinares (des)educativas [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo.** Revista Outra Travessia n. 5, Ilha de Santa Catarina – 2° semestre de 2005.

FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**: Curso no Collége de France (1975- 1976). Tradução: Maria Ermantina Galvão. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. **Mídia: um aro, um halo e um elo.** In: FRANÇA, Vera; GUIMARÃES, César (orgs.). Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

BERTOLINI, Jeferson. **O Conceito de Biopoder em Foucault: apontamentos Bibliográficos.** Saberes, Natal RN, v. 18, n. 3, Dezembro, 2018, 86-100.